

## **GEO UERJ: QUE VENHA 2025...**

**Thiago Roniere Rebouças Tavares**

**Antonio Carlos Oscar Júnior**

**Carlos Eduardo das Neves**

**Regina Helena Tunes**

O ano de 2024 termina, mas uma boa parte de seus acontecimentos, não. Da dinâmica geopolítica das guerras, aos desastres ambientais pelo globo, o quadro não tem sido favorável aos grupos mais vulneráveis a estas circunstâncias, e, infelizmente, alguns destes processos ainda persistirão. Em um mundo que tem visto a reprodução ampliada do capital acontecer desavergonhadamente junto com o populismo de pautas racistas, homofóbicas e outros tipos de discriminação – práticas inerentes ao capitalismo, mas que se encontram, por vezes, dissimuladas –, os espaços criados para “mediar” a cooperação entre nações, para diversos assuntos, como a *paz mundial*, a *proteção do meio ambiente*, o *desenvolvimento econômico*, *melhorar a qualidade de vida*, entre outros assuntos, cada vez mais perde a força e/ou seu sentido.

No plano internacional, entre os diferentes conflitos, o massacre cometido pelo exército israelense ao povo palestino, chama atenção, sobretudo, pela banalização das mortes, a cumplicidade da grande mídia e a extensão do conflito, que hoje alcança outros países. A *Organização das Nações Unidas*, e seu *Conselho de segurança*, pouco são eficazes em barrar o genocídio que continua ocorrendo no momento que este editorial é publicado.

No cenário de aumento dos desastres ambientais, em novembro, foi realizado no Azerbaijão, a *COP29, Conferência das Partes* – conhecida também, como *Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas*. Este espaço voltado para elaboração de políticas climáticas de mitigação ao aquecimento global, tem se mostrado cada vez mais fonte de insatisfações. Segundo parte dos representantes dos grupos mais afetados, o acordo econômico proposto pelos países desenvolvidos, agentes financeiros e grandes corporações, foi aquém do necessário para execução de ações que atendam objetivos, como não ultrapassar o aquecimento do planeta a 1,5°C, previsto no *Acordo de Paris*.



No Brasil, o desastre ambiental que causou maior aflição aos setores mais vulneráveis da sociedade, ocorreu no primeiro semestre. As inundações no Rio Grande do Sul provocaram centenas de mortes e desabrigados. Já no segundo semestre, incêndios ocorridos, sobretudo no Cerrado, Amazônia e Pantanal, afetaram as vidas em diferentes regiões brasileiras, em virtude do grande alcance que o fogo e a densa camada de fumaça atingiram. Em ambos os casos, o agronegócio tem sido apontado como o maior responsável sobre estes processos, causados por suas atividades de barramentos de corpos hídricos, aterramentos, queimadas, devastação da biodiversidade, desterritorialização de populações tradicionais, e tudo mais que acompanha o avanço da fronteira agrícola.

O destaque do Brasil não se restringiu aos desastres de 2024. Entre os espaços de decisão mais importantes da geopolítica mundial, o *G20*, foi sediado no Rio de Janeiro, em novembro. Na capital carioca, as lideranças dos países mais ricos do mundo, reuniram-se para discutir diferentes assuntos, como a *inclusão social*, *o combate à fome*, *o desenvolvimento sustentável*, *ação climática*, etc. O resultado não pareceu muito promissor para os mais afetados de sempre, já que todos estes assuntos supracitados, somente são encaminhados, quando as “soluções” para seu “enfrentamento” partem de seus próprios causadores, e/ou mantêm suas margens de lucro. Para ilustrar isso, as questões ambientais têm sido um ótimo exemplo, sobretudo pelo lobby dos conglomerados financeiros e países ricos para efetivar políticas voltadas à financeirização da natureza, como o mercado de carbono e o pagamento por serviços ambientais, entre outros.

A visão liberal, com seus discursos individualistas de eficiência e competitividade, tem sido à tônica destes espaços, cada vez de menos “decisão”, principalmente para os mais injustiçados. Bem diferente deste contexto, a ciência produzida em instituições públicas, tem permanecido crítica a estes processos, sempre com um olhar rigoroso e a geopolítica que envolve diferentes atores e as distintas dinâmicas.

Por meio dos seus editores, conselho e autores, a Geo UERJ se soma a lista de periódicos que na contramão da visão liberal, defende uma ciência plural e autônoma as empresas e as falsas soluções para as crises que vivenciamos.

Na edição de número 45, publicamos uma coletânea de artigos, em que o leitor poderá se debruçar sobre diferentes pesquisas, algumas realizadas por pesquisadores mais jovens, outros por autores mais experientes. Artigos que versam sobre questões da natureza e sociais se alternam e em alguns casos, o hibridismo temático se manifesta. O leitor também identificará textos analíticos sobre



diferentes especialidades, o que torna esta edição, um exemplo da potência reflexiva que os geógrafos e geógrafos possuem.

Convidamos todos para leitura dessa edição e convidamos para que enviem suas contribuições em novos números, em uma GEO UERJ renovada!

Aproveitem a leitura!

28 de dezembro de 2024